

UM FÓRUM NEGRO DE ARTES CÊNICAS NA ESCOLA DE TEATRO DA UFBA: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A FORMAÇÃO EM ARTES NA UNIVERSIDADE

Resumo



Este artigo se propõe a mostrar como a realização do I Fórum negro das artes cênicas se constitui numa grande contribuição para refletir sobre a formação em artes cênicas no ensino superior e para o avanço de pautas do teatro negro dentro e fora da universidade. A carta aberta, elaborada pelos grupos de trabalho, endereçada à Escola de Teatro, será utilizada como principal referência para a discussão aqui apresentada.

Palavras-chave:

Teatro negro. FNAC. Formação em artes.

UM FÓRUM NEGRO DE ARTES CÊNICAS NA ESCOLA DE TEATRO DA UFBA: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A FORMAÇÃO EM ARTES NA UNIVERSIDADE

EVANI TAVARES LIMA¹

¹ Pós-doutorado em Artes Cênicas junto ao PPGAC - UFBA, como bolsista Capes - PNPd. Professora adjunta da Área de Artes da Universidade Federal do Sul da Bahia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0380-9660>. Email: evanilima@ufsb.edu.br

Introdução

Este texto se propõe a mostrar como a realização de um evento, o I Fórum negro das artes cênicas (FNAC), acaba por se constituir numa grande contribuição para refletir sobre a formação em artes cênicas no ensino superior e para o avanço de pautas do teatro negro dentro e fora da universidade. A Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA) será tomada como palco dessa discussão, por ser o local de acontecimento do Fórum. Como, para o escopo deste trabalho, é significativo o fato dessa reflexão ocorrer no seio de uma instituição historicamente excludente e pouco permeável à diversidade epistemológica, que é a universidade, também serão realizadas, na medida deste espaço, problematizações sobre esta instituição frente ao debate proposto, seu papel e modelo. Neste artigo, parte-se da premissa que esse evento se constitui como palco de um dos passos mais significativos do movimento do teatro negro brasileiro, e da discussão da formação em artes na academia. Para conduzir essa reflexão será apresentado um breve histórico da

realização do Fórum, sua estrutura e atores. Ao final, serão realizadas ponderações sobre a carta aberta endereçada pelo FNAC à Escola de Teatro.

O ano de 1944 é o marco do teatro negro no Brasil. O ano de nascimento do teatro experimental do negro (TEN), uma ação política, artística e cultural que surge com o propósito de fortalecer a luta contra o racismo brasileiro, valorizar e visibilizar a arte e cultura negra. No teatro, essa ação foi inovadora, colocou as formas, a voz e um corpo de atores negros em cena, além de ter provocado a produção de uma dramaturgia negra. Abdias Nascimento, Aguiinaldo Camargo, Agostinha Rei, Arinda Serafim, Elza de Souza, Ilena Teixeira, José Herbel, Léa Garcia, Maria d'Aparecida, Marina Gonçalves, Mercedes Baptista, Milton Gonçalves, Neusa Paladino, Ruth de Souza, Wilson Tibério e Teodorico dos Santos, são nomes que precisam ser bem lembrados pelo pioneirismo e contribuição ao teatro brasileiro.

Teatro negro, um quadro alvissareiro

Nos últimos 20 anos, o teatro negro brasileiro vem ganhando volume e também visibilidade. Há um número maior de grupos autoidentificados com a proposta, espetáculos, eventos, publicações e trabalhos acadêmicos sobre o tema. Apenas para citar alguns exemplos: *A história do negro no teatro brasileiro*, de Joel Rufino (2014); *O teatro negro em perspectiva: dramaturgia e cena negra no Brasil e em Cuba*, de Marcos Alexandre (2017); *Coleção teatro negro*, de Assis Benvenuto e Marcos Alexandre (2014); *Dramaturgia Negra*, de Eugenio Lima e Júlio Dulemir (2019); *Revista O Menelick 2º Ato*, criada em 2017, dirigida por Luciane Ramos Silva e Nabor Jr.; e a *Revista Em Legítima Defesa*, também de 2017, publicada pelo grupo Os Crespos.

Há também uma quantidade de eventos significativos: Ocupação Abdias Nascimento, promovida pelo Itaú Cultural (SP), em 2016; Fórum de Performances Negras (RJ), em 2019; Fórum nacional de performance, promovido pelos grupos Bando de teatro Olodum e Cia dos Comuns, desde 2005, em Salvador; Festival A Cena Tá Preta, já em sua 8ª edição, em Salvador,

promovido pelo Bando de teatro Olodum; Festival Dramaturgias da Melanina Acentuada, em sua 6ª edição, iniciativa de Aldri d'Anuniação; e o curso de Ensino a Distância (EaD), *Dramaturgia Negra: A palavra viva*, coordenado por Dione Carlos e promovido pelo instituto Itaú Cultural, em 2020.

Esse aumento da abrangência do teatro negro em diversas esferas tem sido benéfico, não só para os agentes, comprometidos com um fazer artístico negro orientado, como, também, para o teatro brasileiro em geral, que se enriquece com a diversidade poética e estética trazida pelas variadas proposições de teatro negro, surgidas, até então. Vale dizer que se entende por teatro negro: aquele cuja base fundamental é a afirmação das identidades negras, associada a proposições estéticas de matrizes negras, africanas, embasadas em questões existenciais e político-ideológicas negras (LIMA, 2010, p. 16). E, agora, esse outro terreno de atuação do teatro negro, a universidade, tem permitido um maior intercâmbio entre artistas e pesquisadores; possibilidades de aprimoramento e aprofundamento dos próprios trabalhos; e aquisição de competências e habilidades úteis para a atuação política, estética e acadêmica, entre outros.

Para um teatro negro, uma universidade renovada

Se, no contexto artístico e cultural, o teatro negro passou a despertar interesse por suas contribuições, no âmbito acadêmico as dificuldades ainda são imensas. E isto vale não só para o teatro negro, mas para todos os referenciais não eurocêtricos, de modo geral; o que inclui as culturas latinas, ameríndias e africanas. As universidades, produtoras de conhecimento, reproduzem, como não devia ser, ideologias das mais retrógradas de nossa sociedade, o racismo, por exemplo. E a discussão por um discurso negro em cena perpassa pela desconstrução de um modelo cristalizado de pensar a arte, fundado em referenciais estéticos brancos, europeus, como a Grécia clássica, por exemplo.

A esse respeito, Nádia da Silva, ao historicizar a presença da universidade em nosso país, é bastante instrutiva:

O ensino superior foi criado no século XIX para fortalecer o colonialismo português com a vinda da Coroa para o Brasil, reproduzindo sua violência epistêmica. A universidade que surge na década de 30 do século XX, reproduz a colonialidade do poder/saber de diversas formas: toma as universidades europeias modernas como modelo de organização do conhecimento, instaura a relação epistemológica sujeito branco/objeto negro e indígena; instala o exclusivismo da epistemologia ocidental, excluindo, silenciando e desqualificando saberes (SILVA, 2017, p. 251).

Temos, desde cedo, uma universidade pensada para um determinado segmento de nossa sociedade, construída sobre modelos que vêm afirmar e reproduzir no campo científico as políticas de colonização. Quando, por força maior, das necessidades de qualificação de profissionais para o mercado e de formação de quadros de intelectuais nas mais diversas áreas do saber, a universidade se abre para um contingente maior da sociedade, ela não se atualiza na mesma medida. Colabora para isso a alegada ideia da universalidade da ciência, de que um paradigma, fundado nas leis daqueles que detêm o poder, pode indistintamente ser aplicado a todo e qualquer povo e circunstância. A atuação deste modo imperialista, desconsiderando totalmente a diversidade epistemológica de uma sociedade, constitui-se, nas palavras de Boaventura dos Santos, num epistemicídio: supressão de “todas as práticas sociais de conhecimentos que contrariassem os interesses” dos colonizadores (SANTOS, 2009, p. 10). E desvirtua uma das missões da universidade que, na opinião de Naomar de Almeida Filho, é: “a difusão da diversidade cultural e da multiplicidade de formas de ver o mundo” (2008, p. 162).

O ex-presidente da Fundação Palmares, Zulu Araújo (2007), ao recordar do processo de implementação das cotas, afirmou que “O Movimento Negro encontrou no Ministério da Educação uma das instituições mais conservadoras e mais difíceis de sensibilizar com relação à questão racial” (p. 145). Dificuldade semelhante foi enfrentada quando da implementação de políticas de ações afirmativas para o ensino superior público; as cotas raciais para discentes e docentes: Lei nº 12.711/2012, que prevê a re-

serva de 50% de vagas para estudantes de escola pública, pretos, pardos e indígenas; e a Lei nº 12.990/2014, que reserva 20% das vagas de concursos para candidatas/os autodeclaradas/os negras/os, dos concursos públicos para docente nas universidades. A implementação da Lei nº 12.711/2012 foi precedida por grandes controvérsias dentro e fora da comunidade acadêmica. Durante esse processo não faltaram argumentos academicamente embasados de intelectuais de longa data questionando a existência de racismo no Brasil e justificando a impossibilidade das cotas por causa de uma pseudo-dificuldade de determinar quem é negro no Brasil.

Esse balanço interno é visto com positividade por José Jorge de Carvalho. Para ele, uma das consequências do debate racial no seio da academia, provocado pela política de cotas, é a “desneutralização” racial desse universo, não há mais lugar para apelar a neutralidade do saber, após a denúncia de que tudo vem sendo, há tempo, racializado. José Jorge observa que:

a crise de representação que vivemos oferece também uma oportunidade para renovação teórica e formulação de propostas de inclusão étnica e racial. Mas isso só será possível se admitirmos que a academia contribuiu, no Brasil, para a produção e a reprodução do nosso quadro de desigualdade étnica e racial, o qual não melhorou apesar dos investimentos maciços do Estado no ensino superior ao longo de toda a segunda metade do século passado (CARVALHO, 2006, p. 102).

Assim, o advento das políticas de ações afirmativas tem obrigado a universidade a, em alguma medida, repensar seus paradigmas, e um dos resultados dessa política é o direito conquistado pelos negros e negras: o poder de narrar a própria história e da coletividade que representam, prevalecendo, assim, sobre as narrativas nas quais eles figuravam apenas como objeto. Ainda, a respeito das contribuições trazidas pela presença desses docentes e estudantes, ativistas, oriundos das classes populares e de movimentos civis organizados, dos mais diversos, Nilma Lino Gomes (2009) faz a seguinte observação:

São intelectuais, mas um outro tipo de inte-

lectual, pois produzem um conhecimento que tem como objetivo dar visibilidade a subjetividades, desigualdades, silenciamentos e omissões em relação a determinados grupos sócio-raciais e suas vivências (...). Esse grupo de intelectuais desafia a ciência a entender as imbricações das dimensões sócio-econômicas, culturais e políticas e não de hierarquizá-las (p. 421).

É desse mesmo lugar que vêm muitos dos coletivos e artistas negros e negras, que encontraram na academia um campo de atuação. A título de ilustração, podem ser citados: a companhia Os crespos, nascida na EAD/USP; o grupo de Teatro Negro e Atitude, ligado à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); o Coletivo Nega, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Companhia Abdias Nascimento e grupo Dandara Gusmão, na UFBA. Some-se a isso o número crescente de artistas e pesquisadores dessa cena negra que buscam pela formação universitária. O caso, por instante, dos mestres: Cristiane Sobral, atriz, diretora e dramaturga (Grupo Cabeça feita); Fernanda Júlia, “Onissajé” (Cia de teatro de Alagoinhas – NATA); Aldri Anunciação (Festival de dramaturgia melanina acentuada), Danielle Anatólio (Corpas), Jessé Oliveira (Grupo Caixa Preta), entre outros.

E a passagem desses artistas por esse universo tem sido benéfica para ambas as partes, discentes e universidade: por um lado, eles e elas têm a possibilidade de refletir, aprofundar-se em suas poéticas e afiar o pensamento; por outro, ela é questionada em suas estruturas, e se enriquece com as diferentes perspectivas e leituras sobre o mundo, trazidas pelos primeiros.

Um Fórum negro de artes

O Fórum nasce em 2017, na Escola de Teatro da UFBA (ETUFBA), sob o nome de Fórum negro de Artes Cênicas (FNAC). Em 2019, em sua terceira edição, amplia sua abrangência para outras escolas de artes e também para a Extensão, tornando-se, assim, um Fórum negro de arte e cultura (FNAC), como é denominado, hoje. O objetivo do FNAC é congregar comunidade acadêmica, artistas e sociedade civil organizada para discutir e propor contribuições

para pensar o currículo e a formação em artes, na UFBA. A estrutura do evento, em suas três edições, tem contemplado mesas redondas, conferências, grupos de trabalho, seminário de pesquisadores, apresentações artísticas, oficinas, feiras e exposições. É toda uma efervescência que acontece ao longo de uma semana.

Em sua realização, envolve a graduação e a pós-graduação, convidados locais, nacionais e internacionais. No processo de organização, além dos estudantes e professores, há um esforço para envolver diretoria, departamentos e colegiados. Do mesmo modo, ao construir a programação do evento, os organizadores empenham-se em dialogar com coordenações e docentes para conseguir a adesão deles, junto às turmas, nas ações do evento. Diálogo que se faz necessário para levar à compreensão de que o tema é de vital interesse para todos e todas, negros e brancos.

Em sua primeira edição, o FNAC, em 2017, coordenado por Evani Tavares Lima, Fabrícia Brito e Régia Mabel Freitas, tratou de problemas localizados da Escola de Teatro. Entre os convidados, por teleconferência estavam o professor Victor Ukaegbu (Norhampton University, Inglaterra) e a performer Norbese Philips (Canadá). Outros palestrantes foram a professora Dra. Inaycira Falcão; o ator, diretor e ativista negro Hilton Cobra e a escritora e pesquisadora Cidinha Silva. Um grande destaque deste I Fórum foi o trabalho nos grupos temáticos (GTs), que, pelo que produziu, tornou-se o coração pulsante do evento. Nesses GTs foram discutidas questões previamente trazidas para debate e encaminhamentos que, após sistematização, resultaram na produção de uma carta aberta à Escola de Teatro, contendo propostas de mudanças para a referida Escola no que diz respeito ao enfrentamento ao racismo institucional e à ausência de referenciais negros na formação discente. Ainda como eco do I FNAC, nesse mesmo ano, a Cia de teatro da UFBA estreou o espetáculo *Gusmão: o Anjo Negro e sua Legião*, dirigido por Tom Conceição. Uma homenagem ao bailarino e primeiro ator negro a se formar pela Escola de Teatro da UFBA, Mário Gusmão. Foi a primeira montagem de um espetáculo de temática e elenco negros pela

companhia de teatro da UFBA, após um jejum de quase quatro décadas.

O II FNAC, coordenado por Érico José e Licko Turle, aconteceu em abril de 2018, contou com a participação do Prof. Dr. Patrick Acogny (l'École de Sables-Dakhar, Senegal) e da Profa. Dra. Leda Maria Martins (UFMG). Teve também a especial participação de estudantes vindos de escolas de arte do interior da Bahia, do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal. A terceira edição, coordenada por Alexandra Dumas, Licko Turle e Stênio Soares foi realizada em março de 2019, e trouxe Emanuel Araújo, artista plástico e diretor do Museu AfroBrasil (SP), a antropóloga Ana Lúcia Lopes e o historiador Jaime Sodré. Um acontecimento muito importante nesta edição foi a estreia do espetáculo *Pele Negra, Máscaras Brancas*, baseado na obra homônima de Frantz Fanon, dirigida por Fernanda Júlia (Onissajé). Esta foi a segunda montagem, com um elenco majoritariamente negro, realizada pela companhia de teatro da ETUFBA. Ambas as montagens foram resultado das proposições do FNAC.

Muitas razões levam ao nascimento do FNAC em uma escola de teatro, em Salvador, a cidade mais negra do Brasil. Uma delas foi, certamente, o número díspar de estudantes negros e docentes brancos, e um currículo pouco adaptado a essa nova realidade étnico-racial e cultural. Alexandra Dumas, uma dos três docentes negros da escola, analisa:

Eu fui aluna da escola nos anos 90 e, como aluna, eu posso avaliar o período em que estudei e o agora, no qual sou professora. É muito perceptível a mudança, inclusive visualmente. A diversidade que vemos hoje na Escola de Teatro é resultado de ações públicas. Isso começa a reverberar como ação, como presença, e a gente passa também a discutir o papel da universidade frente ao racismo estrutural (DUMAS *apud* MOREIRA, 2019, s./p.).

Um dos grupos a trazerem reclames por espaço para a discussão acerca da temática negra na escola foi o Dandara Gusmão, coordenado por Deivid Gonçalves e um coletivo formado por estudantes de teatro e de outros cursos. Nesses últimos anos, o Dandara se des-

taca pela extrema combatividade de suas ações e pela relevância de muitas das pautas trazidas, para o interesse da comunidade negra, dentro e fora da Escola. No entanto, é preciso dizer que a ETUFBA gestou outros grupos de teatro negro, o primeiro deles foi a Companhia Abdias Nascimento; formou artistas, como esta pesquisadora; Fernanda Júlia, Angelo Flávio, Alexandra Dumas; Osvanilton e Osvaldice Conceição; Toni Edison; Tássio Ferreira, só para citar alguns atuantes no teatro negro. E todos eles de alguma maneira construíram um caminho de questionamento das bases formativas da escola.

Mas, de fato, é a partir da entrada massiva de pretos e pretas nesse espaço, que esses questionamentos se fortalecem, gerando inclusive grandes reflexões. E, como não poderia deixar de ser, desarrumando um pouco a casa, antes estabelecida na tranquilidade de uma suposta universalidade, fundada na branquitude: “pertença étnico-racial atribuída ao branco”, como define Lourenço Cardoso em entrevista à jornalista Joana Oliveira (2019, *online*).

Esses agentes, triplamente qualificados, negros, jovens artistas e universitários, que com seus reclames e proposições, recusam o que lhes é ofertado e politizam o discurso dialogando com pautas dos movimentos negros organizados – entidades civis organizadas, das mais diversas, formadas majoritariamente por negros e negras, cujo objetivo é o combate ao racismo e a luta pelo direito do povo negro em todas as esferas – vêm trazendo à sociedade: combate ao racismo; combate ao epistemicídio; defesa das políticas de ações afirmativas; igualdade de oportunidades e inclusão social; valorização da identidade e cultura negra. Essa coincidência fica bastante visível na carta aberta, endereçada pelo I FNAC, em 2017, à ETUFBA:

as relações sociais no Brasil ainda são pautadas por profundas desigualdades raciais e imprimem aos negros e negras, violentos processos de silenciamento, apagamento histórico-cultural, invisibilidade, exclusão social, epistemicídio e mortes. Tais desigualdades raciais estão presentes em todas as instâncias da sociedade, sobretudo nas universidades federais brasileiras que perpetuam as práticas de violências que causam negativos impactos

culturais, psicossociais e físicos nos discentes negros e negras que não se reconhecem no projeto político pedagógico, nas práticas de ensino e no corpo docente composto, majoritariamente, por profissionais brancos/as que não possuem formação e nem vontade política para implementar um currículo multirreferenciado que contemple também as culturas africanas, negro-brasileira e diaspóricas (CARTA DO I FÓRUM, 2017, p. 1).

Para Nádia Silva, na universidade, “uma das estratégias para o enfrentamento do racismo epistêmico é tornar visível os conhecimentos críticos e descolonizadores formulados pelos negros e negras brasileiras” (2017, p. 251). Pois a academia é um lugar privilegiado de construção e legitimação do conhecimento; assim, ao questionar os modelos utilizados para a formação em artes, esses intelectuais fortalecem toda uma luta coletiva e abrem caminho para uma prática acadêmica descolonizadora, ou seja, contestar paradigmas e epistemes eurocêntricos, unilaterais e afirmar as identidades solapadas pelo imperialismo cultural.

Carta aberta à ETUFBA

Vislumbrar por esse prisma é o que nos leva a considerar um evento que convida a comunidade acadêmica e a sociedade civil a repensarem as bases epistemológicas que têm sido utilizadas para a formação em artes, por esta instituição de ensino superior, como uma ação revolucionária que põe definitivamente a universidade no palco do debate sobre o teatro negro no Brasil. Essa ação é revolucionária porque é absolutamente propositiva, qualificada, agregadora e continuada. Nesse sentido, a carta aberta, endereçada à Escola de Teatro, publicada pelo I FNAC, é bem ilustrativa, ela apresenta diretrizes para o ensino, pesquisa e extensão, em curto, médio e longo prazo.

No âmbito do ensino, por exemplo, o FNAC propõe:

a garantia de conteúdos das culturas negras em todos os Componentes Curriculares da Licenciatura e dos Bacharelados em Teatro, em conformidade com a Lei 10.639/03 e as políticas afirmativas em vigência; a obrigatoriedade do componente curricular *Teatro de*

Diáspora Afrodescendente, já existente como optativa no currículo da Escola de Teatro da UFBA; a criação de Componentes Curriculares obrigatórios e optativos de natureza teórica e prática com temas referentes às Artes Cênicas Negras. (CARTA DO I FÓRUM, 2017, p. 2)

Para que essas metas sejam atingidas, necessita-se de vontade institucional e abertura por parte dos docentes. Vontade institucional para implementar reformas no currículo; e flexibilidade dos professores para que contemplem em suas bibliografias a indicação de teóricos e referenciais que tratem da temática negra. Não se trata de ingerência na autonomia do professor, mas certamente passa pela conscientização de que a mudança é necessária e do interesse de todos, inclusive de seu próprio aprimoramento frente às demandas de seus alunos e da sociedade. Um argumento que emergiu em meio ao debate deste ponto foi o da dificuldade que teria um professor não especialista no tema em trabalhar com ele. Essa dificuldade é real, em tempos da Lei 10.639/2003, e não é difícil de encontrar gente despreparada abordando a temática negra em sala de aula. Não é esse quadro que se pretende repetir. Muitas vezes, disponibilizar acesso; estimular estudos na área; bem como dialogar com outros docentes e pesquisadores da área podem possibilitar grandes avanços na inserção de referenciais e abordagens didático-pedagógicas negras, orientadas. Ou seja, nada como vontade política, ferramentas adequadas, bom planejamento e estratégias não possam resolver.

Nessa questão sobre os docentes, como apontado acima, é importante que todos procurem, de alguma forma, analisar como podem ampliar as perspectivas de diálogo com a temática, mas é indispensável a presença de professores negros, com pesquisas sobre a temática, integrando o corpo docente. Ou seja, para que o discurso afirmativo encontre coerência, e se efetive, é necessário que os profissionais negros ocupem os lugares de tomada de decisão e de elaborações epistemológicas. Esse é o entendimento trazido pela carta do FNAC:

A abertura de concursos públicos para Componentes Curriculares que contemplem referenciais africanos, negro-brasileiros e diaspóricos nas Artes Cênicas; a admissão de docentes negros e negras através de concursos públicos; o credenciamento de professores que investigam temáticas africanas, diaspóricas e negro-brasileiras no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC/UFBA. (CARTA DO I FÓRUM, 2017, p. 2)

Não estão listados aqui, mas além da admissão através de concurso, há a possibilidade da vinda de professores visitantes, pesquisadores e como colaboração técnica.

Quanto à pesquisa e extensão, algumas das sugestões da carta são:

O desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa e extensão e seleção de Projetos de Pós-Graduação relacionados às questões étnico-raciais nas Artes Cênicas; criação de projetos e atividades que possibilitem a presença de mestres das tradições populares, africanas, diaspóricas e negro-brasileiras na Escola de Teatro da UFBA; criação de um núcleo de extensão associado às demandas da produção de Atividades Curriculares em Comunidades – ACCs que possam sugerir ações de pesquisa e extensão e produção afro-orientada junto à comunidade negra, aos mestres da cultura popular e aos artistas de modo geral. Realização de eventos científicos e artísticos que abarquem a temática em pauta. (CARTA DO I FÓRUM, 2017, p. 2)

Das proposições acima, vale destacar dois pontos que estão em consonância com reflexões das mais atualizadas em relação à diversidade epistemológica da academia, sua responsabilidade social e o diálogo com as que lhe cercam: projetos e núcleo de extensão para viabilizar Atividades Curriculares em Comunidades junto à comunidade negra, mestres da cultura popular e artistas, de modo geral.

A ecologia dos saberes, defendida por Boaventura dos Santos (2008), que consiste na promoção de diálogos entre o saber produzido pelas ciências hegemônicas e o conhecimento não-hegemônico, é uma dessas proposições. Naomar de Almeida Filho, ex-reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), advoga

em favor de uma reforma que permita a universidade “atuar como instrumento de integração social e política entre países, culturas e povos, em contraposição aos efeitos perversos do globalitarismo” (2008, p. 172). Buscando essa recriação da academia, o professor Naomar implementou dois grandes projetos, inspirados num modelo do que seria a universidade do século XXI: a unidade acadêmica, instituto de humanidades, artes e ciências professor Milton Santos (IHAC), em 2008; e a Universidade Federal do Sul da Bahia, em 2014, ambas inspiradas num novo modelo pedagógico que preza pela interdisciplinaridade no currículo, ensino superior em consonância com a integração social, valorização de atividades extensionistas e uso de metodologias ativas em equipes de ensino-aprendizagem.

José Jorge de Carvalho, junto ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), propõe o Encontro dos Saberes: “una intervención teórica-política de tipo transdisciplinar que busca decolonizar el modelo de conocimiento impartido en las universidades de América Latina y el Caribe” (CARVALHO; FLOREZ, 2014, p. 131). Com o projeto, mestres e mestras de ofício das artes e saberes tradicionais são convidados a ministrar aulas na universidade, na condição de especialistas. E assim, esse coletivo de docentes e discentes, negros e negras, demonstram estar conscientes que a mudança não passa somente pela inserção do tema negro, mas também pela incorporação de um novo modelo de universidade.

Há também, nas diretrizes da carta, espaço reservado para a memória e publicação de materiais sobre a problemática negra, entre eles, videoteca e arquivo virtual. Ademais, é sugerida a aquisição de livros especializados no assunto e organização de uma edição da Revista Repertório Teatro e Dança, do programa de pós-graduação, com trabalhos oriundos do I Fórum Negro das Artes Cênicas. Nesse item, o Fórum também é certo. A produção teórica é algo fundamental na academia, a comunicação de pesquisa é fundamental para que as ideias sejam amadurecidas, validadas e legitimadas junto aos pares. Em se tratando da produção bibliográfica

ca sobre o tema negro, essa produção ainda está aquém do que deveria, principalmente se considerarmos o fato de que até bem pouco tempo, mais precisamente, até os anos de 1990, o negro figurava muito mais como objeto de estudo do que sujeito falante por si. Propor publicações e pensar na memória do que vem sendo produzido, vem atender a uma outra necessidade crucial: a difusão das obras produzidas por teóricos e intelectuais negros. Vale dizer que muito dessa produção encontra-se ainda em formato documental, como teses, dissertações e pesquisas realizadas por instituições fora da universidade.

Das diretrizes e de sua implementação

A estrutura de fórum, pensada para essa ação de enfrentamento ao racismo epistêmico, proposto por esse coletivo de artistas, discentes e docentes das artes, é bastante acertada em nossas instituições universitárias. Porque tem como premissa a escuta dos mais diversos atores envolvidos, na busca de soluções para um problema que atinge a todos e todas. Vale dizer que a escolha desse modelo teve a influência de Hilton Cobra, que sugeriu o formato baseado na experiência do Fórum nacional da performance artística negra, promovido pelos grupos de teatro negro Bando de teatro Olodum e Companhia dos Comuns, desde 2005, no teatro Vila Velha, em Salvador. Em suas cinco edições, esse Fórum já congregou quase 100 coletivos de teatro e dança negros de todo o país.

Esse enfrentamento iniciado pelo FNAC não poderia ser feito de outro modo que não esse: discussão objetiva, autocrítica, análise contextual, horizontalidade e tomada coletiva de decisão. Se não assim, como mexer nas raízes do problema? Como alertar a todos da responsabilidade de cada um na construção de uma nova sociedade e forma de pensar o conhecimento?

Mesmo indo para a quarta edição do FNAC, em 2020, ainda não é possível falar de resultados das propostas apresentadas pela carta, pois isso soa como algo permanente, e não houve tempo suficiente para que ações realizadas adquiram regularidade a ponto de poderem ser chamadas de mudanças. Mas alguns avanços podem ser sublinhados. O primeiro deles foi a

produção de espetáculos com temática e elenco negros pela Cia de teatro da ETUFBA, após quase 40 anos de existência: *Gusmão: O Anjo Negro e sua Legião* (2017) e *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2019). Em 2017, as duas revistas da escola de teatro foram dedicadas à produção teórica originada do Fórum: Caderno do GIPE-CIT, n. 39 – *O discurso negro nas artes cênicas, processos, pesquisas, poéticas e epistemes*; Revista Repertório Teatro & Dança, n. 29.

No corpo docente também houve avanço com a chegada de professores negros e pesquisadores da temática. A Escola recebeu o professor Licko Turle como pesquisador PNPd; a pesquisadora Evani Tavares Lima foi credenciada junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC), como professora colaboradora; o professor assumiu como docente concursado da instituição; e, por fim, a escola conta, agora, também com dois professores substitutos negros. O currículo tem avançado mais na pós-graduação, com abertura para a oferta de disciplinas optativas voltadas para práticas e saberes de tradições culturais diversas. Em 2019, foi instaurado também o GT de Combate ao Racismo Institucional, composto pelas três categorias da comunidade acadêmica e sociedade civil.

Se esses avanços serão longevos e vão continuar, não é possível antever, mas é fato que o FNAC completa quatro anos com a mesma eferescência e vigor.

Considerações finais

Considerando o contexto brasileiro, racialmente excludente, ainda bastante influenciado por ideais estéticos eurocênicos, e de baixa autoestima em relação às identidades, bem como pouco valor dado às suas tradições culturais, o pensamento almejado pelo teatro negro não somente é bem-vindo, como saudável. O teatro negro no Brasil vem se construindo em meio a, apesar e por causa do racismo brasileiro. Cada geração tem enfrentado seu quinhão de desafio e temos nos saído bem-sucedidos, afinal de contas, estamos aqui recriando-nos a cada novo passo. Não, sem intempéries e interjeições sobre a necessidade, ou não, de sua existência. Que fique claro, sua longevidade e a

singularidade das questões estéticas que apresenta lhe tornam relevante para o teatro brasileiro. O aumento do quantitativo de grupos e artistas comprometidos com esse tipo de teatro tem feito emergir uma série de perspectivas de pensar-fazer esse teatro, bem como multiplicado a geração de produtos diversos (eventos, publicações, cursos), oriundos dessas práticas. O que tem permitido ver mais além do que esse teatro pode oferecer.

Os eventos promovidos por coletivos de artistas do teatro negro têm se constituído em espaços de elaboração dessa estética política proposta por esse teatro. Certamente, pensar a práxis é um grande passo para fazer avançar o conhecimento. Os grupos de teatro negro compreenderam que se unindo podem melhor elaborar e pleitear suas reivindicações, é assim com o Fórum nacional de performance artística negra, que congrega artistas de todo o país, superando as distâncias e a invisibilidade imposta pelos meios de comunicação; e com a Akoben, grupo de artistas e produtores que chamam a atenção para a necessidade de políticas culturais para produções negras.

Com a entrada de negros e negras na universidade, avança-se sobre mais espaço de poder, até então, ocupado por brancos. Instituição que reproduz o mesmo discurso sobre o negro que a sociedade brasileira apresenta. Instituição que pode ser avassaladora para aqueles que não se ajustam, porque, em sua grande estrutura, ela não é permeável àqueles que a habitam. Uma alternativa para os desajustados, nesse universo, é se valer das próprias armas fornecidas pela academia para, a partir de dentro, contrapor-se a ela. Isso é o que esse coletivo de discentes, docentes e artistas negros, que se unem em torno do FNAC, está fazendo. Trazendo o debate do teatro negro para o espaço acadêmico, esse Fórum amplia a seara das discussões trazidas por ele; questiona a estrutura de uma formação obsoleta, porque fundada em um só modelo; colabora com a proposição de novos caminhos; e empreende um dos passos mais significativos do movimento do teatro negro brasileiro: a discussão da formação em artes na universidade.

O FNAC é um exemplo, não exatamente

um modelo, de que a revolução vem de dentro e da vontade dos envolvidos em fazê-la. Problematizar questões como as trazidas pelo teatro negro, na formação em artes, é de interesse de todos. Se quisermos evoluir na reflexão sobre as artes na perspectiva da diversidade cultural que somos, enquanto nação, as Escolas de Artes precisam minimamente se abrir para discussões amadurecidas sobre a problemática racial em seus currículos e pesquisas. Particularmente, o FNAC e as Escolas de Artes que o realizam ainda têm um longo caminho a percorrer, nessa direção, o diálogo não tem sido fácil. A boa notícia é que ele já começou. E sigamos assim!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Naomar. Universidade Nova no Brasil. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; ALMEIDA FILHO, Naomar (orgs.). **A Universidade no sec. XXI: por uma universidade nova**. Coimbra: Almedina, 2008. p. 7. Disponível em: <http://www.unbfuturo.unb.br/images/livros/a_universidade_no_seculo_XXI.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2020.

ARAÚJO, Zulu. Seminário “O Negro na Universidade: o direito à inclusão” - Comunicações orais. In: PACHECO, Jairo Queiroz; SILVA, Maria Nilza da (orgs.). **O negro na universidade: o direito a inclusão**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007. p. 145-151. Disponível em: <http://www.redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/uploads/palmares_livro_2007_JQPacheco_MNdaSilva.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2020.

OLIVEIRA, Joana. Lourenço Cardoso: “Temos potencial para abolir o racismo e todas as outras formas de opressão”. *Jornal El País Brasil*, São Paulo, 30 nov. 2019. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2019-11-30/lourenco-cardoso-temos-potencial-para-abolir-o-racismo-e-todas-as-outras-formas-de-opressao.html>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

CARVALHO, José Jorge de. Confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 68, p. 88-103, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13485>>. Acesso em: 02 mar. 2020

CARVALHO, José Jorge de; FLOREZ FLOREZ, Juliana. Encuentro de saberes: proyecto para decolonizar el conocimiento universitario eurocéntrico. *Nómadas*, Bogotá, n. 41, p. 131-147, jul. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-75502014000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 fev. 2020

CARTA do I Fórum negro das artes cênicas. Escola de Teatro da UFBA, Salvador, 17 fev. 2017. Disponível em: <<https://forumnegroetufba.files.wordpress.com/2017/05/carta-do-fc3b3rum-negro-das-artes-cc3aanicas.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 532. Disponível em: <<https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Epistemol>

REFERÊNCIAS

ogias%20do%20Sul.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2020.

LIMA, Evani Tavares. Um olhar sobre o teatro negro do teatro experimental do negro e do Bando de teatro Olodum. 2010. 345 f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

LIMA, Evani Tavares; DIAS, Fabrícia; FREITAS, Régia Mabel (orgs.). O Discurso Negro nas Artes Cênicas processos, pesquisas, poéticas e epistemes. **Caderno do GIPE-CIT**, Programa de Pós-graduação em artes cênicas/UFBA, ano 21, n. 39, 2017-2. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1MYdtZbY5VLs358nedYD6CtDYyylQmAme/view>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

MOREIRA, Marília. Ufba sedia terceira edição do Fórum Negro de Arte e Cultura. *Jornal Correio da Bahia*, 16 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ufba-sedia-terceira-edicao-do-forum-negro-de-arte-e-cultura/>>. Acesso em: 02 fev. 2020.

REVISTA Repertório Teatro & Dança, n. 29, ano 20, 2017.2. Programa de Pós-graduação em artes cênicas/UFBA. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/issue/view/REPERTORIO%3A%20Artes%20C%C3%AAnicas%20-%20Ano%2020%20-%20N%C3%BAmero%2029%20-%202017.2>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 532. Disponível em: <<https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Epistemologias%20do%20Sul.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2020.

SILVA, Nádia Maria Cardoso da. Universidade no brasil: colonialismo, colonialidade e descolonização numa perspectiva negra. **Revista interinstitucional artes de educar**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 233-257, out. 2017/ jan. 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/29814>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

Abstract

This article aims to show how the implementation of the first black forum of Performing Arts makes a great contribution to reflect on Performing Arts education in higher education and for the advancement of black theater agenda inside and outside the academy. The open letter written by the working groups, addressed to the Theater School, will be used as the main reference for the discussion in this work.

Keywords

Black theater. FNAC. Performance Arts education.

Recebido em: 20 mar. 2020

Aprovado em: 23 mar. 2020

Publicado em: 13 ago. 2020